



Eu e o Diabo Blues

Gabriel D. Lourenço



Gabriel Daros Lourenço

Eu e o Diabo Blues

*Portfólio literário
(ou usina de perdedores durões, viradas
amargas e corações partidos)*

Edição, diagramação e arte
Gabriel Daros Lourenço

Florianópolis - 2015



Sumário

1. Eu e o Diabo Blues	07
2. Coito de Vinte Fichas	12
3. Os Pombos	17
4. Amigo Não É Pra Essas Coisas	25
5. Envelhersidade	33
6. O Único Crime	37
7. Em Seções Bem Diferentes	42
8. <i>Food Porn</i>	47
9. Meu Troco É Pouco	53
10. Desastres da Noite	56



Um estudo da miséria fálica do homem

Por “Cabecinha”

Minha mãe sempre me disse: “*you só pode confiar em árvore de pau mole*”. Uma santa. Uma santa inteligentíssima. Ela entendia que todo homem era um escravoceta — o que é um fato, já que homem assexuado é igual japonês de pênis grande — mas só até dar uma esporrada.

Gabriel D. Lourenço, em sua obra (sim, essa que você está lendo, animal) consegue capturar, com absoluta fodacidade, a miséria fálica do homem, o momento exato que ele pensa com a cabeça de cima. Mostra ao leitor que o homem tem sentimentos, sofre e não é só movido pelo sexo (ao contrário do que muitas aí acham).

Menos o conto “*Food Porn*”, na real. Aquele lá é só um fetiche do âmago do autor.

Enfim, se você curte o clima pós-gozo ou uma linguagem menos politicamente correta, esse não é o seu livro. Mas foda-se. Eu que mando nessa porra, eu sou o *fucking* Cabecinha, mano. Vai ler! E é melhor tu achar bom!

L. F. Cabecinha

jornalista, escritor e crítico literário





De mãos dadas com nossos diabos

Durante as oficinas de texto realizadas na disciplina de Escrita Criativa do curso de Cinema da UFSC, percebi que escrever é, inegavelmente, expôr o que há dentro de nós. E ao contrário do que me parecia, contaminar o texto com nossos temas está mais próximo da humildade do que da arrogância. Não há maneira de escrever sem ser sincero consigo mesmo e, por vezes, andar lado a lado com nossos diabos.

Por isso, não me envergonho em admitir que passei um semestre todo escrevendo odes à autores ultrapassados e de pensamento surreal. Enquanto estava correndo atrás de ideias, associando possibilidades à cada exigência semanal, revisitei meus heróis cheios de defeitos: andei de carro com Raymond Chandler, abracei Rubem Fonseca, escrevi uma carta à Phillip Roth e boxeei com Pedro Juan Gutierrez.

Agarrar suas influências foi o primeiro passo para criar minha própria voz. E espero, um dia, estar ao lado deles no panteão literário.



Gabriel D. Lourenço
jornalista e escritor entusiasta



“Qualquer um que atinge o repouso em equilíbrio
está próximo demais de Deus para ser artista.”

PEDRO JUAN GUTIERREZ, *Trilogia Suja de Havana*

01

Eu e o Diabo Blues



As curvas da mulher estavam largas o suficiente para atrair os leitores. Bom, se não desse certo, os cabelos loiros e os olhos lacrimejando dariam conta do recado — nunca conheci alguém que resistisse às lágrimas de uma mulher. Essa, aliás, cobria o colo, escondia o corpo em trapos, mais vulnerável, impossível. Mas no fundo, na cela, sua silhueta tinha chifres.

Estava pronta. Peguei o telefone e disquei para Cláudio.

“Terminei, chefe.”

Descansei a caneta sobre a orelha e contemplei o desenho em mãos. Previa sua reação assim que ouvi seus passos gordos terremoteando até minha sala no estúdio.

“Aqui”, estendi o desenho sem olhar para trás.

“Já terminou a nova capa, é?”

Joguei os pés pra cima da mesa, em silêncio. Deixei um tempo para que a ilustração roubasse sua alma.

“Ca-ra-lho, Scozzari. Cagou na cabeça, hein? Quem vê nem pensa que essa menina é o capeta em pessoa.”

“O negócio é deixar o diabo nos detalhes.”

###

A sala central parecia prestes a explodir de tanto uísque e funcionários enfiados por lá. O cara das impressoras se apoiava no ombro de uma fotógrafa e uma atriz de fotonovela — um mais torto que o outro. O bafo de cachaça do Cláudio tomava o oxigênio de todo o lugar.

“Pessoal,” ele interrompeu o pandemônio, “queria pedir um viva para o maior desenhista que já pisou nesta merda — depois de mim, é claro.”

Risos por todo o lado. Será que consegui esconder minha vergonha sob os ombros do meu chefe?

“Uma salva de palmas para o Scozzari, o pai do maior fenômeno de quadrinhos eróticos do país e nosso maior sucesso, a Devil Girl!”

Milhões de palmas soaram no ambiente — e duas tocaram minhas costas. Não eram do chefe, mas da diretora ruiva do financeiro — Pâmela.

“Cinquenta milhões de vendas em vinte edições? Nada mal, garotão.”

###

Por motivos evidentes, cambaleei até a saída dos fundos ao invés da porta principal. O mar de carros mortos guardava o velho cadáver cinzento do meu possante. Passei direto por ele, em zigue-zague. Uma voz vem detrás de minha cabeça, e era sedutora demais para ser de minha mente.

“Indo embora tão cedo?”

Pâmela. Perigosa como um estacionamento sóito à noite.

“É, tenho um compromisso pra cumprir.”

“Um encontro?”

“Não do jeito que você está pensando.”

Silêncio, e o olhar nu de quem já passou da conta de copos faz tempo. Tentei ir. Ela me segurou com as palavras.

“Vai deixar seu carro aqui?”

“Vou precisar dele na volta. Não vou tão longe.”

“Pena. Ia te pedir uma carona até minha casa.”

“Dirigir não seria uma boa agora. Além do mais, se você entrar nele, a última coisa que eu vou querer é que você saia.”

“Lembro que da última vez você quase me chutou pra fora, saiu cantando pneu e tudo.”

“Eu estava atrasado,” mas não adiantava explicar para Pâmela. Ela não entenderia. “Por boas razões, claro.”

Ela se aninhou em meu ombro, os lábios tocando meu pescoço. Cheirava ao mais perigoso tipo de álcool — perfume de mulher.

“Esqueci meu isqueiro. Posso usar o acendedor do seu carro?”

###

A passos ligeiros, eu enxugava um suor que não brotara do esforço de correr. O bico dos seios de Pâmela me deixou um gosto estranho na boca. Aquela mulher me ensinou o verdadeiro motivo do inferno ser vermelho. E se eu continuasse daquele jeito, Deus do céu, provavelmente era pra lá que eu iria.

A encruzilhada despontava no horizonte. Noite fria, estrelada, sem nuvem — a solidão tenebrosa da meia-noite. Não tinha muitos postes nem sinalização direito, era um trecho de terra que fugia da principal em direção à periferia da cidade. Placas pichadas no encontro das estradas me davam quatro direções. Mal faziam ideia de que elas eram o destino.

Parei no centro das duas pistas. O silêncio era tanto que meu respirar soava igual vendaval. Quando não há um som sequer ao seu redor, o que você ouve?

Nunca tinha tempo para descobrir. A resposta fugia com a brisa inespe-

rada. Sempre por trás, a agonia percorrendo seus dedos frios pela nuca. Ele nunca mudava o jeito de aparecer.

“Boa noite, senhor Filippo Scozzari.”

E eu nunca deixava de ter calafrios na espinha quando isso acontecia.

“Boa noite, Diabo,” me recompondo. “Como vai?”

“Tive um dia do cão, mas agora vou bem, obrigado.”

###

A direção não importava: eu liderava os passos, e ele vinha logo no encalço. Bem vestido, barba feita, chapéu e bengala. Sim, os chifres trespassavam o feltro, mas não dava pra negar que ele estava elegante pra Diabo.

“Você está cheirando a... mulher, Filippo.”

“Você sabe o porquê. Tem sua parcela de culpa nisso.”

“Não precisa agradecer. Só realizei seu desejo, afinal.”

“Deus continua muito ocupado cuidando do bem maior?”

“Daquele jeito. O departamento de assuntos egoístas sempre foi meu.”

“Engraçado. Pedi a ele uma luz no fim do túnel, e o que acabo vendo? O dente de ouro no sorriso do capeta.”

“Não é a cara dele ajudar alguém a transar com mulheres comprometidas.”

“Nem a sua em cobrar disso em vida. Esse é o pacto mais bizarro que já vi.”

“Por que? Mulher, dinheiro, criatividade, saúde... nada te falta.”

“E tudo o que você quis em troca foi minha companhia. Por que não minha alma?”

Aquela foi a única vez em que vi o Diabo suspirar.

“O Inferno está cheio demais. Não estou dando conta.”

“E aquele papo de ala intermediária?”

“O Purgatório? Tá nas mãos de Cristo. Tá indo bem agora, mas deixa lotar pra ver se ele não começa a arrancar os cabelos.”

“Existe nepotismo até no mundo espiritual?”

“Sempre foi assim, Filippo — afinal, eu também sou filho d’Ele.”

###

Assim foi por longas horas. Pusemo-nos rumo ao estúdio. O sol despontava e os primeiros carros do dia já começavam a vagar pela rua. Ninguém mais conseguia enxergar o Diabo, e tampouco ligavam para um cara que falava sozinho na noite. Meu amigo dizia para não ligar: um tal de Mick fazia isso pelas ruas e compôs um dos maiores hits de uma banda de rock aí. Claro, ter a simpatia do capeta fazia toda a diferença.

“Antes de vocês dois, quem andava comigo era Robert. Essas caminhadas renderam a ele um bom blues.”

“Nunca entendi por que você levou embora alguém que só te deu fama por aqui.”

“Não levei. Ele abusou da sorte fora da minha tutela. Acabei me amigando com um ditador da época.”

“Como era com ele?”

“Bom no começo, mas depois enjoei. Ele me dava ouvidos demais — e esse era o problema.”

Paramos, enfim, no que outrora era o mar de carros mortos. Apenas o meu continuava lá. A alvorada chegava, e meu sono também. Era a hora.

“Antes de você ir, posso fazer uma pergunta?”

“Faça.”

“Você não quer mais almas e barganha desejos por companhia. Por uns, intervenção. Por outros, deixa foder. O que você tem guardado pra mim?”

Os primeiros raios de sol tocaram sua frente. Ele cobriu a vista, acenando.

“Tempo esgotado. Posso responder isso na próxima noite?”

Dei de ombros. A verdade é que ele nunca respondia. Era assim desde o começo. Mas eu não sofria com isso. O Diabo até que é um cara legal, mas não teria esse nome sem sumir por aí, deixando a dúvida em seu lugar.

Entrei no carro. Estava cansado demais para dirigir. Me ajeitei no banco que outrora foi ninho-de-sacanagem. Logo menos, meus colegas apareceriam, rindo de meu sono em pleno estacionamento. Assim era todos os dias, e eu não dava a mínima. Na minha frente, tinham de engolir o chefe falando quem era o desenhista mais pica do lugar.

Assim era e assim seria. Com amigos como os meus, afinal, o que mais me faltava?

02

Coito de Vinte Fichas



“... e foi então que ela disse, *ei, Rafaela, da próxima vez que eu encontrar uma calcinha sua pendurada no box, ela vai direto para o lixo, entendeu?*”

“Nossa. Sério mesmo que ela foi assim estúpida com você? Naquele dia que eu fui aí ela parecia tão amável.”

“Isso fazem uns três meses, amor. Agora, tu nem sabes. A desgraçada anda só com as roupas de baixo pela casa. E *arrotando*.”

“Uau. Não sei se acho isso excitante ou não.”

“Você acha a Paula *excitante*, senhor Luiz? Foi isso mesmo que ouvi?”

“*Claro que não, querida*,” pigarreei. “Deve ter sido falha aqui na ligação.”

“Tava bom demais para ser verdade. Uma hora neste orelhão e nenhum problema na chamada. Aliás, ninguém apareceu aí a essas horas, não?”

“Pra usar? São onze e meia. À noite, esse bairro é morto, você sabe.”

Silêncio do outro lado da linha. Puxei o assunto.

“Você fala mal assim da Paula tão abertamente? Quero dizer, sem medo de ela pintar aí e te ouvir falando essas coisas?”

“É ruim, hein? Ela tem aula a noite e sempre vai pro bar antes de voltar aqui pra república, a desgraçada. Pra ela, estar aqui antes da uma da manhã é chegar cedo em casa. Piranha.”

“Acho que alguém aqui não fecha com a dona da casa, hein?”

“Luiz, tu não tá entendendo. *Ninguém* aqui vai com a cara dela. Ainda mais depois que essa biscate começou a trazer o namorado dela aqui. Bêbada e com o rolo dela. Sacou?”

“Putá merda.”

“Putá merda é pouco! Ninguém dorme com aquela cama rangendo, *nhac nhac nhac*, pra lá e pra cá. E ela berra, deve fingir o orgasmo. Vagabunda. Nessas horas, sabe o que eu faço? Boto os fones e ouço aquele seu CD do Nirvana no disc-man.”

“O *Nevermind*?”

“É. Funciona que é uma beleza — menos quando é *‘Something in the Way’*.”

“Uma pena. É minha favorita.”

“Disse alguma coisa? Deu um chiado aqui, não ouvi direito.”

O letreiro no display do orelhão piscava. INSIRA FICHAS. O tempo estava acabando.

“Um minuto,” tateei os bolsos. Ao tirar dois níqueis para inserir no telefone, derrubei minha carteira. Caiu aberta no chão. Mas a prioridade era não perder a ligação. “Pronto.”

“Quantas já foram?”

“Das vinte, devo ter mais umas quatro.”

Abaixo para juntar meus pertences. A aba de couro me mostra uma certa foto em especial.

“Sabe o que eu tenho aqui em mãos? Sua polaróide.”

“Meu Deus! Não me diga que é...”

“Essa mesma, aquela foto sua na praça.”

Seus cabelos ao vento, pretos, os olhos azuis enormes... e esse sorriso? Que sorriso, hein, senhorita Rafaela. Não é a toa que as crianças no fundo estão te olhando, naquele vestidinho azul-bebê.”

“Estou usando ele agora, por sinal. Mas desbotou, virou roupa de dormir, agora. Também, depois de tanto tempo...”

“Você fica um tesão com esse vestido, sabia?”

“Que isso, Luiz! Não tem vergonha?”

“Do que? De ser ouvido falando essas coisas? Não tem ninguém aqui.” Brinco com a polaróide entre os dedos. “O ângulo da foto nem mostra, mas eu lembro. Sempre lembro. Suas coxas brancas, macias, se escondendo atrás das barras do tecido — ah, querida, que vontade de...”

“Chega, Luiz. Estou ficando sem graça.”

“Por que? Tem alguém nos ouvindo e eu não sei?”

“Não, eu estou sozinha aqui.”

“Ué, mas e então?”

“Ah, amor, é que pelo telefone... é *estranho*. Pelo telefone é estranho.”

“Você não curte?”

“Não, é que... soa estranho.”

“Nunca fizemos nada por telefone, não é?”

“Nem dá, com você na rua e eu na sala. Provavelmente nem tem a mesma graça.”

“A gente podia tentar, não?”

“Melhor não. Desculpa.”

“Tudo bem.”

Silêncio. Uma ficha a menos no meu bolso.

“Sabe, amor. Eu sinto saudades. Falta tanto tempo até eu voltar pra casa.”

“Eu sei. Conto os dias também.”

“Ah, deixa eu te contar. Sabe o que tenho aqui em mãos? Sua foto.”

“Aquele três-por-quatro dos tempos de colégio?”

“Não. *Aquela* sua foto. De farda.”

“Ah, não. Eu pareço um animal com aquela roupa. Não sei como você gosta.

“Parece um animal sim. Um gato. E que gato, com aquele traje cerimonial, hein? Que tesão.”

“Para com isso, Rafaela.”

“Todo de branco, o quepe azul, a espada em punho, no meio da rua. Marchando. Naquele desfile, ninguém tirava a atenção de ti, sabia? O peito forte, cheio de medalhas, a cara séria, os olhos que vão lá no fundo da gente...”

“Querida, eu...”

“Ah, Luiz, você nem sabe. Durmo olhando pra essa foto todos os dias.”

“A sua, eu deixo na carteira, querida. Gosto de olhar de vez em quando e lembrar daquela tarde. As voltas no gramado, a chuva. Seu vestido transparente. Você sem sutiã.”

“Aquele árvore enorme no meio da praça, oca. Lembra?”

“Claro. Lembro também do que a gente fez lá dentro enquanto esperava o clima virar.”

“Luiz!”

“Você lembra, querida?” Inseti duas fichas, uma atrás da outra, com certa maldade. “Pois eu lembro. Sempre lembro. Suas coxas brancas, o algodão da calcinha — encharcados. Até hoje sinto o gosto na boca.”

“Amor, pára.”

“Ué, falando baixinho por quê, senhorita Rafaela? Tá achando bom, é?”

“E-eu...”

“Vontade de enfiar a cara no meio de suas pernas e não sair de lá nunca mais.”

Aquele silêncio de despertar curiosidade. Assim foi a última ficha. Eu não ia deixar o assunto morrer.

“Querida, posso te perguntar uma coisa?”

“Pode.”

“Você se masturba com a minha foto?”

“Como é que é?”

“Masturbação. Você se masturba com a minha foto?”

“Olha amor, eu...”

“Pela última vez. Você se masturba com a minha foto?”

Do outro lado da linha, a respiração dela estava pesada.

“Posso responder sua pergunta com outra pergunta?”

“Se você responder de fato e não fugir da minha--”

“Você está se masturbando enquanto conversamos?”

Silêncio do meu lado da linha. Melhor dizendo, mais ou menos.

“Amor, isso é um sim?”

“Estou só me tocando por cima da calça.”

“Tá duro?”

“Você precisa ver.”

“Sinto saudade de você entrando em mim. Essa pica grossa, parece um cano de tão larga.”

“Então você também está se...?”

“Minha calcinha está grudenta. Estou correndo o meu dedo do meio por cima dela. Mmn. Tô assim desde aquela hora que tu falou de enfiar a cara nas minhas pernas.”

“Enfiar e te lamber tanto que você ia desidratar de tanto que ia gozar.”

“Saudade disso, de você me chupando toda. Chupando forte. Mmn.”

“O dedo já foi pra dentro?”

“Dois, já.”

“Não tem medo de ser flagrada pelas colegas?”

“Nada, amor. Isso é igual o dia na praça. O risco aumenta o tesão.”

“Ah senhorita Rafaela, é hoje. Já tô com o pau tão duro, não consigo aguentar.”

“Vai. Isso. Fala. Fala enquanto eu enfio meus dedinhos aqui, pensando na sua pica. Entrando. Saindo. Aah, nossa, estou tão molhada. Vou encharcar o tapete.”

“Ah, vai encharcar mais quando eu enfiar o pau em você. Nessa sua xota maravilhosa. Tesão. Quero pegar minha rola e te invadir, meter até não poder mais. Essa sua buceta, tão apertadinha, parece até que tá me comendo com a boca de baixo.”

“Ai, isso, mete em mim. Me come. Tô gozando, goza em mim, vai?”

“Tô gozando, tá vindo, tô gozando, vou tirar da sua buceta e gozar bem na sua cara.”

“Isso, jorra, gostoso, Mete mais, mais, mais, mais, assim—”

O som de fim de chamada substituiu, grosseiramente, a voz de minha namorada.

“Não, não, não!”

Procurei mais fichas no bolso. O tesão ainda estava à mil. Bati na cabine telefônica, tentando fazer o telefone vomitar uma das vinte que lhe alimentei pela noite. O jato de porra voou sem controle.

Gozei na cara do orelhão. E fui embora sem nem me despedir nem agradecer pela pior trepada da minha vida.

03

Os Pombos



Talvez porque o *Phillies* fosse o único lugar que vendesse charutos a cinco centavos de dólar que eu estivesse disposto a encarar o guarda do turno da noite, que sempre me confundia com mendigo, e a pesada chuva que furava as calçadas de concreto — que não me assustava. A tempestade dentro de mim era maior. Era uma daquelas madrugadas na qual dormir só piora a situação, e que a solidão do mundo real, em seus raros casos, doía menos do que a companhia amorosa no mundo dos sonhos.

Mas ao abrir a porta, notei que naquela noite o *Phillies* também não estava sozinho.

Reconheci quatro novos rostos no balcão triangular — dois à esquerda, um à minha frente e outro à direita. Uma mulher, um homem, um garçom dentro do triângulo e um solitário. Quatro estranhos olhando para mim, o estranho que pingava no piso, o cara desconhecido, a cara que não conhecia ninguém. Nem meu reflexo na vitrine me reconhecia, com aquela cara de quem não se conhecia muito bem.

“Pois não?”, perguntou a loura voz do garçom, que lustrava um copo.

“Quem é você? Onde está Susan?”

“Susan voltou pra casa hoje. Sou o irmão dela.”

Não tinha muita vida debaixo dos olhos, algo perfeitamente compreensível naquelas horas. Era tão durão que, se continuasse lustrando o copo em cinco minutos, o vidro esfarelaria.

“Quero um charuto,” continuei.

“Charuto não tem. Vendi meu último nessa noite.”

E fez um movimento apontando com o nariz para o homem à minha frente, que se virou para mim. Era careca, narigudo e tinha o incrível talento de olhar você de cima, mesmo sentado. Uma águia americana de fedora, terno e camisa azuis — funcionário do governo, ou alguma função importante. O tal último charuto se aninhava entre os dedos.

“Vai ficar aí pingando a noite toda?”, perguntou o irmão de Susan.

Uma última olhada para a porta. A solidão me esperava em casa. Eu precisava de nuvens de nicotina, um jornal para a previsão do tempo nos próximos dias e a presença de gente estranha. Ninguém gosta de chorar na frente de desconhecidos.

###

Sentei-me a dois bancos de distância do homem à direita, sujeito simpático que sequer virou a cara quando me deu o cigarro que pedi. Com um café pequeno eu olhava o cardápio. Por cima dele, mesmo sem querer, via a mulher ao lado do homem-águia. Era uma ruiva no final de seu sanduíche, lavando os restos na boca com o café de seu acompanhante — que não via graça nem quando ela apontava o batom vermelho marcado nas bordas da xícara.

Olhei para o cardápio. Olhei para mim mesmo, invejando a companhia de alguém que não me deixasse em paz e que não fosse minha própria pessoa. Obrigado, por um sono que não viria e um garçom que me encarava, a começar meus dias mais cedo outra vez. E tomar decisões sozinho.

“Tem como anotar?”

O irmão de Susan já tinha um bloco de papel em mãos.

“Omelete de salsicha, uma torrada... mais um café, uma fatia de rocambole...”

“Fazia tempo que eu não via você aqui, benzinho.”

A ruiva era dona daquelas palavras. Interrompi meu pedido para observar a cena.

“Verônica,” sussurrou o homem-águia, “já falei que não gosto de você me chamando assim em público.”

“Desculpe, John. É saudade. Além do mais, aqui ninguém liga.”

O homem-águia fez um sinal para mais dois cafés. O irmão de Susan fez um sinal para esperar um minuto e, olhando para mim, arrancou a resposta quase à força.

“...Batatas *hash-brown*, hambúrguer com chilli...”

um olhar para o lado e vi os dedos de Verônica correr pelas mãos do tal John. Pousou apenas por um instante. Lembrou outro toque de dedos, que queimavam na memória só de imaginar. Levei as mãos ao pescoço, quase por instinto.

“Chilli não tem mais, senhor.”

O homem-águia moveu sua mão para livrar-se de Verônica.

“Não tem mais?”, perguntei.

“Foi tirado do cardápio.”

Olhei para o menu em minha frente. Do lado de trás, lá estava ele. Em falta na casa, fora riscado do cardápio. Assim como Verônica. Assim como eu.

“Uma fatia de torta *à la mode*, se puder.”

###

Eu recuperava o fôlego para a segunda xícara de café com o cigarro apresentado. O irmão de Susan fritava a omelete na chapa, no meu lado do balcão. Entre uma e outra bicada nas xícaras, o som da chuva diminuía. O homem ao meu lado corria os olhos pelo vespertino de ontem.

“Tem previsão do tempo aí?”

“Só classificados”, respondeu.

“Posso ver?”

“Pode.”

Fiquei esperando que me entregasse o jornal.

“E então?”

“Ué,” virou o rosto para mim, “você já não está vendo?”

Me ameaçou com o olhar. Para ter olhos afiados daquele jeito, provavelmente ele os amolava todos os dias antes de sair de casa.

“A edição da manhã de hoje chega daqui uma meia hora,” intercedeu o irmão de Susan, “se você quiser esperar...”

“Tudo bem, não estou com pressa.”

“Ninguém que vem ao Phillies costuma ter,” retrucou. “Seu nome?”

“Tom. Conheço Susan das madrugadas em que passava aqui atrás de charutos.”

“Meu nome é Adam. Minha irmã está cuidando da minha mãe.”

“Você não tem cara de quem trabalha em bares.”

“O corte de cabelo denunciou?”, o irmão de Susan botou a omelete e mais um café no balcão.

“Os movimentos também. Sabia que o marido dela era capitão, mas você, também militar?”

“Piloto. Daqui a uma semana estarei nos céus do Pacífico. Quero dar um troco naqueles filhos-da-puta amarelos por *Pearl Harbor*.”

A omelete, de fato, era uma prova de que o irmão de Susan era um excelente piloto.

“E o que você faz da vida?”

“Eu trabalho.” Mostrei minhas mãos calejadas. “No que for preciso trabalhar.”

“Já pensou em entrar para o exército?”

“Não sou um bom homem, Adam.” Suspirei. “Não hoje.”

“Isso é tudo que lá não tem, Tom. Por isso que vão para a guerra.”

###

Comi em silêncio enquanto ouvia o que uma ruiva teria a dizer para um homem-águia.

“...mas você não sabe o que vai escolher, John?”

“É um dilema,” respondeu ele. “Ou eu vou na justiça defender o senhor R., ou os homens dele me sabotam.”

“Não dá para pedir ajuda da polícia?”

“Os policiais não vão encontrar prova alguma. A pressão não vai ocorrer comigo, mas com meus futuros clientes. Se recusar o caso, o próximo que sair do escritório não volta pra casa vivo.”

“E basta um rumor para acabar com a sua fama.” Ela abraçou-o por um tempo. “Mas pense pelo outro lado — o caso do senhor R. vai te render muito dinheiro. Nós poderíamos casar.”

“Você quer casar com dinheiro sujo, Verônica? É tão importante assim colocar uma merda de aliança dourada no dedo?”

A ruiva ficou em silêncio.

“Pegando um caso desses”, dizia ao cortar a ponta do charuto, “meu nome fica manchado pro resto da vida. Bandidos do caralho.”

“Não sabia que isso importava tanto para você, John.”

“E não importa mesmo.” Acendeu e, finalmente, deu uma longa tragada. “A ideia de ter o pé preso com alguém é que me incomoda.”

Terminei as *hash-browns* me perguntando se a ruiva havia entendido o verdadeiro significado das palavras do homem-águia. Até o final do hambúrguer, não tirei nenhuma outra conclusão senão de que a comida já estava bem fria.

###

O irmão de Susan só largou seu posto quando mancou até a porta para buscar o jornal na chuva, mostrando sem querer sua assinatura de militar, uma *Colt .45*, na cintura, por debaixo do avental. Ao voltar, ignorou o afiado olhar do homem simpático e pousou o jornal ao lado de minha fatia de rocambole. Ele estendeu a mão, apenas para ser impedido por Adam.

“Agora que cada criança tem seus papéis, que tal cada um cuidar de suas cruzadinhas?”

“Eu só quero os classificados,” respondeu.

“E eu quero que você respeite meu cliente.”

O homem simpático desembainhou aqueles olhos sem dizer nada.

“Já derrubei imbecis que me olharam mais feio do que você no quartel. Não pense que essa perna ruim atrapalhou. Continue encarando por mais três

segundos e você vai descobrir como foi.”

E em dois segundos aquele homem simpático voltou para seu jornal.

Folheeí. As notícias nada diziam. A sessão de previsão do tempo mostrava o que eu esperava: choveria muito, nas próximas semanas, dentro e fora de mim. Os primeiros dias seriam marcados por ventos frios, com chance tempestades emocionais violentas. À partir da segunda semana, o clima intercalaria entre nuvens melancólicas e precipitações de lágrimas na região do meu quarto. Granizo e desapontamento também eram esperados.

Empurrei o jornal para o sujeito simpático.

“Não vai querer ler os classificados?”, perguntou.

“Não. Eles não oferecem nada que preciso.”

“E o que você precisa?”

“De um caminho pra seguir.”

De relance vejo o jornal ir para as mãos dele. Minha terceira xícara me interessava mais.

“Toma,” ele empurrou o vespertino de ontem com um cigarro em cima.

“Rasguei umas ofertas, mas ainda tem uns trabalhos nas últimas páginas.”

###

Fiz o máximo para ler as ofertas, mas entre um ajudante de carregador na página dezoito e um anúncio de guarda de bordel, eu já não tinha cabeça para mais muita coisa. Rasguei-as e coloquei-as no bolso. Não conseguia ver nada além de miséria ao meu redor. Um piloto manco agoniado atrás de um balcão? *Miserável*. Uma ruiva desesperada pela ideia de casamento? *Miserável*. Um homem narigudo aprumado demais para aquele poleiro? *Miserável*. Um sujeito rude disposto a brigar por páginas de papel? *Miserável*. Naquela hora, preferia não olhar meu reflexo. Não queria me ver como eles, os pombos, as vidas levadas por migalhas de importância.

Devolvi o jornal.

“Obrigado pelo cigarro.”

“Você parecia precisar mais do que eu.”

Olhei-o esperando por uma apresentação.

“Tom, não é? Meu nome é Walter. Sou agente sanitário.”

“Aqueles caras que trabalham vendo a higiene dos lugares?”

“É. Mas o *Phillies* é mais casa do que lugar de trabalho.”

“Nunca te vi por aqui.”

“Nem eu,” respondeu.

Acendi o cigarro. Uma tragada depois, ele descansava do lado do bolo.

“Você sempre come tanto assim?”, perguntou.

“Não sei, você é sempre tão estúpido com estranhos?”

“Normalmente não gosto de ser interrompido. Quem me encontra por aí, sempre dá um jeito de reclamar do meu trabalho.”

“E eu só como assim quando estou mal.”

“Não dá pra preencher a dor com comida, amigo. Elas não saem pelo mesmo lugar.”

###

Continuei a conversa com Walter. Não que eu gostasse de descobrir que aquele homem simpático de fato *era* simpático, mas enquanto meu arrependimento rendesse cigarros de graça, eu poderia engolir meu orgulho sem mais problemas além dos que já tinha.

“... e os vizinhos continuam naquela briga, todos os dias. Por isso eu estou aqui.”

“E o meu caso, você já sabe. Jamais tenha amantes, Walter. Jamais. O fim dos casos sempre termina com noites assim, melodramáticas.”

“Nah, Tom. Você só pode ter amantes se não tiver um coração.”

“De que adianta? Elas nunca estão satisfeitas enquanto você não der o seu.”

“Deixe que elas façam de tudo. Essa é a graça.”

“Tudo o que farei agora é deixá-las.” Botei o dinheiro no balcão. “Boa madrugada, Walter.”

“Sofra agora, amigo, para não sofrer para sempre.”

Ao sair, a ruiva e o homem-águia me encaravam com faíscas nos olhos. Será que foi algo que eu disse?

###

Na volta para casa, aconteceu exatamente o que estava previsto nos jornais. Levei muitas lágrimas para dormir, e acordei no meio da tarde. Nas escadarias do apartamento, juntei um dos vespertinos ainda fechados, deixados pelo carteiro na frente do lar de alguém que ainda não voltara de sua rotina das-nove-as-cinco.

Tomei um susto com a manchete.

BRIGA EM CAFETERIA NA RUA 49 DEIXA DOIS MORTOS

Na manhã de hoje (23), uma discussão na Cafeteria Phillies, por volta das 05h30, resultou na morte de dois homens. As vítimas foram o advogado de defesa John M. Carter, 34 anos e o agente sanitário Walter Kennedy, 39 anos. Segundo

o atendente Adam Woods, 27 anos, a briga começou por uma discussão sobre adultério, na qual Carter fez ameaças à Kennedy, que trocaram provocações até sacarem as armas e trocarem tiros no estabelecimento.

O pintor Edward Hopper, que se dirigia ao seu ateliê de pintura, foi o primeiro a contatar as autoridades locais. “Quando cheguei no local, encontrei duas manchas de sangue por dentro da vitrine. Encontrei uma mulher chorando e o dono da casa com um revólver na mão. Mas não estou surpreso. Para sair de casa naquela madrugada, só sendo maluco.”

04

Amigo Não É Para Essas Coisas



O telefone veio me tirar da solidão do fim de tarde.

“Alô, Tom?”

“Phillip, seu puto. O que é tão importante para interromper minhas composições?”

Mas ele não riu de minha brincadeira.

“Preciso falar com você. Hoje à noite.”

“Estou compondo hoje, cara. Sei que a situação está ruim, mas—”

“É *importante*, Tom.”

A falta de humor na voz dele não agradou.

“Certo. Naquele bar de sempre, depois das oito?”

“Depois das onze. *Naquele* pátio.”

Engoli em seco.

“Posso levar umas cervejas pra gente?”

“Melhor trazer algo mais forte, amigo.”

E desligou o telefone na minha cara. Fui para as teclas do piano. Sentei lá e não consegui tirar um acorde sequer. Achava impossível compôr acompanhado da agonia — é uma presença que sempre pede demais de nossa atenção.

Merda de ligação. Só não preferia ser surdo porque seria um péssimo Beethoven.

###

Pular a cerca para o pátio daquele posto de gasolina em construção não era tão fácil quando se tinha duas cervejas debaixo do braço. Chegara vinte minutos mais cedo. Nada de Phillip entre o concreto liso e o futuro espaço de conveniência. Somente eu, o peso na consciência, o arrepio na nuca, a dor no coração e as garrafas nas mãos.

Olhei para a rua deserta de onde vim. Nas memórias do lugar, entre as casas antigas vi um Tom e um Phillip, quinze anos mais jovens, apontando na minha direção.

“Não acredito que vão derrubar o parque! Onde a gente vai te casar com a Ritinha agora?”

“Não quero casar com ela, Phillip. Ela gosta mesmo é de você.”

“É só casamento-de-jeca, animal. Nem precisa beijar de verdade.”

“Nem ia mesmo. Mulher de amigo meu é homem.”

Chutamos as pedras na rua por um tempo.

“O que você acha que vai ser construído no lugar, Tom?”

“Meu pai disse que vai ser o estacionamento da nova catedral. Mas o pessoal do bairro não vai deixar. Vão fazer protesto.”

“Igual a Lúcia quando perguntarem se alguém tem algo contra este casamento?”

“Não. Eles vão apanhar da polícia. Eu vou apanhar por ciúmes.”

E os dois sumiram rua adiante.

###

Tanta coisa nunca é como imaginamos.

Lúcia nunca teve coragem de admitir que gostava de mim. Ritinha nunca gostou de Phillip de verdade — ela só tentava fazer ciúmes no Jacques, o padre de nosso teatrinho de quermesse, que, por sua vez, sempre gostou mais de Deus do que de mulher. O povo nunca protestou pelo fim do Parque Monte Cristo. O líder da associação de moradores do bairro nunca abriu a boca pra explicar como construiu uma casa nova e reformou seu bar em tão pouco tempo. A catedral nunca foi construída. Depois que virou propriedade privada, o terreno do pátio do estacionamento nunca teve um único dono por mais de um ano. Quando virou posto de gasolina, nunca fez contrato com petroleira alguma nem abasteceu um carro sequer. E no meio de tantas mudanças, nunca tive uma amizade tão fiel e duradoura quanto a de Phillip.

Ainda assim, nunca me senti tão infeliz com a chegada do meu melhor amigo.

###

“Demorei muito?”

“Não tenho pressa alguma, para ser sincero.”

“Imagino. Por outro lado, eu deveria estar aqui há bem mais tempo.”

“Quer um cigarro?”

“Obrigado, Tom,” tirou o casaco e dobrou as mangas da camisa, “mas estou cortando tudo o que me tem feito mal ultimamente.”

Levantei-me, mas o olhar de meu melhor amigo não me deixou ir mais além.

“Olha, Phillip, você me conhece há tempos—”

“Sem essa. Promessa é promessa.”

“Mas, mas faz tanto tempo!”

“Não. Sem reconciliações. E se me lembro bem, a ideia foi sua.”

###

Era uma dessas madrugadas fim-de-festa no sábado, nas quais eu nunca voltava para casa distinguindo uma noite da outra. Naquela época eu ainda usava boina oitavada, e Phillip fumava mais do que eu. Dois vagabundos, acabados igual um par de raposas mal-empalhadas. Ele me arrastava sobre os ombros. Eu desafinava *Soraia Queimada*.

“Vagabunda, hein, Phillip? Me trocou assim que viu que aquele cara era gringo.”

“Gringo meu saco. Aquele sotaque era inglês, mas o passaporte era do Paraguai.”

“A essas horas, tomara que já tenha descoberto. Aquela vadia. Queria ver a cara dela.”

“Ei, Tom, olha ali! Instalaram as bombas no posto de gasolina.”

Nos arrastamos até o pátio, liso, sem grades. Luzes acesas, ninguém na rua para cuidar.

“Acho que abre logo. Só faltam as bandeiras do posto.”

“É, Phillip. Perdemos o abatedouro. Agora, pra comer mulher, tem que gastar com motel.”

“Não vejo a hora de entrarmos na universidade. Saímos daqui, moramos juntos—”

“Vamos tocar o puteiro todo dia. Igual hoje.”

“Aliás, Tom, vem cá. Me dá um abraço.” E me apertou forte. “Se não fosse você, nunca ficaria com aquela deusa. Nossa senhora, que anja.”

“Tudo bem, eu ainda preferia a amiga dela. Amigos antes de tudo. No dia em que eu brigar por você com mulher, que seja no soco.”

##

“Foi no fim daquela festa MPB,” meu cigarro chegava ao fim, “seis anos atrás.”

“Lembro que rimos a noite inteira, Tom. Fiquei com a segunda mulher mais bonita da minha vida depois que você chegou na Louise.”

“O que, uns tempos depois, deu uma dor de cabeça dos diabos.”

“Eu bem lembro. Vi você sofrer o que não merecia.”

“Não sei se hoje eu concordo com isso, Phillip.”

Pelo silêncio que ele fez, parecia não saber também.

“Nunca achei que teria que te chamar pra cá, Tom.”

“Gostaria que nunca precisasse.”

“Tanta coisa nunca é como imaginamos.”

“Ela contou?”

“Hoje mesmo. Tinha algo sério para me falar, e eu não iria gostar.”

Empurrou o casaco para perto das cervejas. Deu uma boa olhada nos arredores.

“Esse pátio sempre me lembra Clube da Luta. A cena no estacionamento.”

“Por quê ela te contou? Você e Julie ainda se falam?”

“Ela se demitiu hoje,” estralou o pescoço, “disse não aguentar mais as coisas.”

Não havia muito mais o que fazer senão segurar minhas lágrimas.

“Pronto? Em guarda, Tom!”

###

Aquele primeiro soco me lembrou de outro, dado anos atrás.

“Defende, Tom!”, Phillip gritava perto do corner, “defende, filho-da-pu-ta!”

Era a minha primeira briga na rua. Um acerto de contas entre eu e um touro muito ciumento. Chamar aquilo de ringue era piada: uma multidão fechara o círculo ao nosso redor depois de ele pagar de machão num barzinho na esquina da faculdade. Julie, protegida por meu amigo, implorava para que parassem. Louise corria para chamar a polícia.

Colei a mão do lado do rosto. Amorteci aquele cruzado de esquerda mal-dado.

“Pra um magrelo, você defende bem, hein?” resfolegou o valentão, provocando.

Meu ar já não era muito, então preferi não responder em palavras.

Seus punhos eram maiores que o meu, mas suas aulas de engenharia não lhe ensinaram o conceito de *jab*. Voltavam lentos demais para a base. E depois de mais um golpe demorado, a falha: o plexo solar vulnerável. Embaçou vergonhosamente com meu gancho de direita.

Dois passos dele para trás, um *jab*, um direto meu. Os dois defendidos. Um passo meu para a esquerda, um gancho de direita na barriga, cruzado de esquerda na cara, e um reto no meio do queixo. Foi parar de joelhos no chão.

O silêncio de todos precedeu o estampido da cadeira nas minhas costas.

“Tom! Tom!” Chorava a voz de Louise ao fundo. As sirenes gritaram cada vez mais alto.

###

“As aulas de boxe fizeram bem, hein garoto?”, cuspiu Phillip entre os golpes.

O pátio circulara umas três vezes comigo na ponta dos pés. Os punhos

dele vinham com raiva, mas conscientes. Já tinha apanhado uns quatro socos — dois na cara, em cheio.

“O que foi, Tom? O cigarro cortou seu fôlego?”

Me afastei, sem abaixar os braços: “Eu não quero lutar.”

“Não vou deixar você repetir aquela luta com o ex da Louise.”

Disparou cinco golpes. Nunca vi alguém bater tão forte.

“Vamos, seu merda! Você me traiu com a mulher que eu mais amei! Não vai nem se dar o respeito de me enfrentar como homem?”

###

O começo de meu fim poderia muito bem ter sido batido na máquina de Snoopy, do *Peanuts*: era uma noite escura e tempestuosa quando Julie me encontrou, depois do expediente, na cafeteria ao lado de casa.

“Você demorou. Já estava ficando preocupado.”

A garçonete chegou com o meu café. Julie apoiou o casaco encharcado na cadeira. Não fez nenhum pedido.

“Trouxe um presente para você,” e tirei um *pen-drive* do bolso, “aquela música que compus sobre nós dois. Saiu do estúdio hoje mesmo. Você vai adorar!”

Não sorriu de volta. Pegou-o em silêncio, e assim ficou por um bom tempo.

“Tom,” suspirou finalmente, “acho que a gente não deve mais se ver.”

“Como assim, Julie? Mas por quê?”

“Não aguento mais, Tom. Me sinto horrível só de ter começado isso. É como se eu traísse, apunhalasse Phillip, todos os dias em que nos vemos.”

“Você sabe que também não me sinto bem com isso, Julie, mas...”

“Eu sei. Eu *também* te amo, Tom. E é por isso que não posso ir além com você. Além do mais, Phillip jamais aceitaria nós dois juntos. Você sabe.”

Sabíamos os dois daquilo, desde o começo.

“Desculpe, Tom. Tenho que ir. Lamento que seja desse jeito.

E foi-se embora, sem beijo de despedida. Minha sorte era o caminho de casa ser curto — poucos veriam minhas lágrimas. O café desceu frio e sem açúcar. O troco, acho que deixei na mesa. Todo aquele amargo ocorreu ontem, mas parece que foi agora pouco que bati a porta de lá, chorando.

###

O gosto de sangue era tão ruim quanto a despedida dela.

Uma sucessão de golpes rápidos me fez trancar a guarda na frente do rosto. O soco de Phillip trespassou. Encontrou meu queixo. Minhas costas en-

contraram o chão.

“Levanta, Tom! Não é uma vingança se você não lutar de volta.”

Acima de mim, o meu melhor amigo. À minha frente, o dono da razão. Diante da minha raiva, aquele que tornava meu amor bandido. Prestes à beijar meu punho, Phillip. Tombado no chão, o verdadeiro vencedor.

“Ora, ora,” levantou com os dentes vermelhos, “esperou eu cansar? Que golpe sujo.”

E ele veio para cima outra vez. Afastei-o com jabs. Mas nos seus olhos não havia mais raiva. E nas minhas mãos não havia mais coragem para bater.

Larguei a guarda.

“Vamos. Acabe logo com isso.”

“O que? Tom, você tem que lutar!”

“Eu já perdi uma mulher em um amigo. Bater em você não me fará vencedor.”

Paramos. As ruas são tomadas por um ruído familiar. Sirenes.

Phillip avança em minha direção. Mas sua mão puxa meu braço

“A polícia! Corre, filho-da-puta!”

“Espera! Seu casaco, as cervejas!”

###

Algumas velas dali, as bebidas desciam quentes pelo meu rosto, arden-
do nas feridas, lavando o sangue. Phillip bebia, o casaco sob o ombro, sentado
numa lata de lixo. Não dissemos nada por um bom tempo, apenas cuidando,
cada um, de suas feridas.

“Você ainda está em forma pra caralho, Tom. Quase igual quando trei-
nava boxe comigo.”

“Não. Aquele cara lá jamais te trairia.”

Suspirei. Os carros na rua eram os únicos sons entre o nosso constran-
gimento.

“Sei que socialmente não havia nada entre você e Julie. Mas queria te
pedir perdão. Você deve me achar um merda. Consolando você num dia e...
vendo sua ex no outro.”

“Isso já foi resolvido num certo pátio, horas atrás.”

Chegou perto de mim e brindou minha garrafa.

“Vamos. Vira tudo, como nos velhos tempos.”

Bebemos o resto e livramo-nos dos cascos, jogando-os para trás. Igual
nos velhos tempos.

“Meu amigo, tenho que ir. Amanhã é um longo dia.

Pouco antes de sair, encostou-se na parede.

“Julie me falou que você sofreu muito com o jeito que as coisas aconteceram. Quase uma fatalidade do que um amor de fato. Eu precisava cumprir a promessa, mas só de saber disso, já me sinto vingado. Sabe Tom, eu te odeio, mas não por ela. Te odeio por que você é meu melhor amigo. E não consigo te odiar.”

“Você poderia ter me nocauteado e deixado lá no pátio.”

“Poderia. Mas amigo não é para estas coisas.”

05

Envelhersidade



Era o quadragésimo mês em que eu trabalhava naquela empresa. Transportadora. 792 dias empilhando caixas. De tudo: eletrônicos, roupas, comida, essas coisas. Talvez fossem menos dias, não tenho bem certeza.

Foi isso mesmo o que acabei de pensar? Não tenho certeza. Bom sinal.

Mãos embaixo da caixa, força nos pulsos. Carregar peso era serviço para gorilas, não macacos. Levei-a até o contêiner. Quase faltou fôlego.

Pus a mão nas costas. Doía como nunca. Parei para tomar um ar. Quanto mais o tempo passava, mais essas pausas se tornaram fundamentais. Outro bom sinal.

Mais uma caixa, mais força nos pulsos. E então aconteceu. A coluna gemeu.

Caiu. Tombei no meio dos frangos congelados no chão.

“Calma, gente,” mostrei que estava bem enquanto me levantavam.

Mas os braços tremiam demais. Não conseguia pegar outra caixa.

Meu dia estava cheio de ótimas notícias.

###

Dora saiu mais cedo do trabalho para me deixar em casa. Aquele belo infortúnio rendeu três dias de folga forçados. Teimei não precisar ir ao médico – já estava bom nessa história de ser orgulhoso. Ela não insistiu mais assim que combinamos que eu pararia de reclamar.

“Meu bem, corre aqui! Olha só!”

“Você não deveria estar descansando? O que está fazendo aí no banheiro?”

“Não me lembro de prometer ficar de cama. Vem cá ver!”

“Certo, certo. O que foi agora?”

“Aqui, ó. Está vendo?”

“Do lado dos olhos?”

“Isso. Nasceram hoje.”

“Suas primeiras rugas!”

“Tantos anos de cigarro e estresse finalmente deram resultado!”

Puxei aquela nova dobrinha de pele. Parecia combinar com minha retina amarelada e as crateras negras no meu rosto conhecidas por olheiras.

###

Tirei o primeiro dia de folga para lembrar do passado. Meus braços pareciam aumentar uma tarde pesada de dominó com o Sandrão e o Zacarias na Praça do XIV.

“Mauro ficou dando pão pros pombos de novo?”

“Nada,” Sandrão jogou uma peça 4-6, “tá no hospital.”

“Foi internado,” Zacarias jogou um 4-1. “Cirrose.”

“Outra vez?” Compro uma e passo. “Será que sai à tempo pras provas?”

“Claro,” Sandrão botou um 1-6, “ele sempre faz isso nessa época.”

“É, mas foi assim que o Dimas morreu.” Zacarias pôs um 6-2.

“A pança dele era enorme.” Pôs um 2-5. “Ele ia passar fácil nesse ano. Carinha de 40, barriga de 55.”

“Era um condenado,” Sandrão comprou e passou. “Sempre na corda-bamba.”

“Mas aí,” Zacarias comprou também, “e essas rugas?”

“Apareceram ontem.” Joguei um 5-3. “Acho que esse ano eu passo. Hérnia, dor na coluna, memória falha -- até de viagra eu já preciso!”

“Você tem que aumentar suas chances no vestibular,” Sandrão botou um 3-3. “Termina com a Dora.”

“Por que?”

“Sofrimento traz maturidade. Em aparência você se garante,” Zacarias comprou mais uma, “mas e em vivência?”

###

No segundo dia, aproveitei e fui ter com Dora.

“Então, você quer terminar?”

“Não sei, meu bem. A minha ideia era dar um tempo, sabe?”

“Deixa eu ver se adivinho. É por causa do vestibular?”

“Dora, você sabe como eu tenho me empenhado.”

“Não estou surpresa. São os critérios deles. Vivência, jeito, aparência. Terminar te amadurece mais, não é?”

“É, mas só até a prova. Depois a gente pode voltar.”

E aquelas foram as últimas palavras que eu disse a ela.

###

No terceiro dia, tudo o que fiz foi chorar.

###

Chegou o dia do vestibular. Em uma sala, mediram minha pressão, peso,

altura, idade. “Você nem parece ter a idade que tem”, me disseram. Os concorrentes davam licença, com um certo olhar de respeito. A sala lotou, mas em todos os olhos eu via aquela esperança – um traço denunciadamente juvenil.

Não adiantava buscar as respostas no olhar alheio. Havia inúmeras perguntas, todas situacionais, abertas. “Seu ex-relacionamento volta a falar com você para pedir ajuda sobre seu novo amor. O que você diz?” “É sensato buscar a sua liberdade se o preço dela for a prisão de outros?” “Qual o som que uma árvore faz ao cair se não há ninguém ao redor para ouvir?”

Será que existe, afinal, sistema ideal para medir maturidade?

Essa última pergunta, claro, não vinha da prova.

###

“Como assim, não fui qualificado?”

O diretor da universidade acariciava a barba longa. Diante de sua mesa, minhas avaliações: bem abaixo do esperado.

“Os exames indicaram uma falta de vivência. Imaturidade. Mas isso não é pecado. Inúmeros não conseguem todos os anos pelo mesmo motivo.”

“Não é possível. Senhor, eu venho fazendo de tudo para ser o mais velho que alguém pode ser. Trabalho pesado, perdas, nostalgia, tudo. Por que não sou maduro o suficiente para ingressar na universidade?”

“O problema geral dos desqualificados é forçar a ordem das coisas. Viver e não tirar nada do que viu é a mesma coisa que não viver, afinal.”

“O que faço agora? Me preparo para a próxima?”

“Vá viver de verdade. Na hora certa, você entrará.”

“E quando saberei que estou pronto?”

“Quando tiver a mais velha de todas as virtudes – a paciência.”

06

O Único Crime



Quando abri a porta sete do *Western Motel*, tinha em mente uma recepção mais calorosa do que o olhar gélido de Charlotte e um revólver. Era a versão encarnada da morte como uma mulher bonita, loura, de pele clara, com um grande vestido vermelho. Só não a imaginava de cabelos presos.

“Que diabo, Walter! Não sabe bater na porta?”

“Desculpe. Esperava você de pijama, não de vestido.”

Levantou-se da cama e espiou por entre as cortinas na janela.

“Ninguém atrás do *Plymouth*, nem um movimento na estrada.”

“A noite está mais vazia do que o *Phillies* em madrugada de segunda-feira.” Mas não foi o suficiente para que ela largasse sua arma. “Pena você não poder ir lá fora. A luz da lua está maravilhosa hoje.”

“Como você entrou aqui?”

“Os guardas de campana me reconheceram. Finalmente, hein? Não foi como as primeiras vezes, desconfiando de um jazzista negro indo visitar a chefe deles.”

“Ninguém mandou amar uma criminoso.”

Estava cansado. Deixei o case do meu saxofone ao lado das bagagens dela. Duas malas, como sempre, iguais. Sempre fechadas. Uma continha dinheiro e roupas. Outra, morfina.

Caminhei até ela e dei-lhe um longo beijo.

“Seu único crime,” disse-lhe entre os lábios, “foi roubar meu coração. Não precisa segurar o riso. O resto, mulher, não me importa em nada.”

“Ah, querido,” me abraçou, “senti tanto sua falta.”

“Eu também. Quando recebi o telefonema do plano daqueles sicilianos de atacarem sua casa, meu Deus, temi que você não fugisse a tempo.”

“Você demorou tanto que pensei o pior. Se tivessem feito algo, eu—”

“Tive um bom motivo para demorar. Mas não se preocupe,” sentei-me na cama, “sempre tomamos muito cuidado para ninguém saber de nós dois. Acho que somos bons nisso.”

Ela ajeitou-se ao meu lado. Assim ficamos, em silêncio, por um bom tempo.

“Amanhã de manhã,” Charlotte entrelaçava seus dedos entre os meus, “iremos para meu esconderijo, em Monterrey. Não sei quantos dias ficarei lá.

Mas preciso que você fique no quarto ao lado, querido. Pode ser perigoso esta noite, você sabe—”

“Na verdade, é exatamente por isso que demorei.”

Levantei, com minhas mãos ainda entrelaçadas às dela.

“Charlotte, meu amor, fuja comigo para Nova Iorque.”

“Como é?! Fugir?”

“Recebi, umas horas atrás, uma ligação de um ex-colega de banda no tempo de turnê com o Duke Ellington. Art Blakey, o baterista, vai gravar um disco novo pela gravadora *Blue Note*, e irá precisar de um sax alto no quinteto. Vai me pagar muito bem por dia de estúdio. *Por dia!*”

“Isso é ótimo para você, querido. Mas não vejo como isso mudará as coisas.”

“Amor, você precisa vir comigo. Deixe isso tudo para trás.”

“Jamais, Walter. O contrabando de morfina nunca será dos sicilianos.”

“Tenho juntado um bom dinheiro nesses últimos tempos, Charlotte. Os shows, as aulas—”

“Eu não quero.”

“Com o dinheiro da gravação, poderei sustentar nós dois.”

Ela soltou minha mão abruptamente. Não esperava que fosse para um tapa na cara.

“E voltar a depender de um homem? Você esqueceu de como meu marido me tratava quando reinava no tráfico da Costa Oeste? Não, não darei nada aos mafiosos. Vou ficar é aqui.”

Levei as mãos ao rosto. Ardia. Por dentro, ainda mais.

“E-eu só quero o seu bem, meu amor.”

“O último homem que me disse isso também me batia e me trancava em casa. *Para o meu próprio bem.*”

“Não me compare com aquele merda do seu marido defunto, mulher.”

“Então, não aja como ele.”

Não consegui dizer nada. Nos encaramos como duas cobras no bote.

“Se estou viva até agora, Walter, e comandando todo esse império, não é por ser frágil.”

“Suas malas sempre fechadas. As roupas, os guardas lá fora... você nunca tem descanso, mulher. Isso não é um preço alto demais pela sua liberdade?”

“Esqueceu que sou muito mais vivida que você? Ainda é emocional demais pra entender o mundo.”

Olhá-la nos olhos me doía na alma. Escondi minha fraqueza em direção à janela.

“Não me despreze, Charlotte. Lá no Harlem, desde cedo sabemos o que é

a morte.”

Por um momento, só se ouvia a tensão entrando e saindo dos pulmões.

“Lembra da noite em que nos conhecemos, querido?”

“O show no *The Haig*, no *Zardi's Jazzlands*. Você na primeira fila, de preto e cigarrilha.”

“Sua pele negra, a luz azul, as melodias... ah, você roubou fácil o destaque de Duke.”

“E pensar que você só estava lá para fornecer morfina para a trupe, hein?”

“Saí de lá viciada em você.”

“E eu nunca mais consegui te largar desde então. Sempre às escondidas. Como drogas.”

“E te amo desde então. Mas esse meu amor te coloca em risco o tempo todo.”

“Nem o risco de overdose é mais perigoso do que o lugar de onde venho.”

“Você voltaria ao Harlem, Walter?”

“Você sabe muito bem a resposta, mulher.”

“Bem, acho que desse jeito você consegue entender minhas razões, homem.”

Espalmei a mão, de raiva, na parede.

“Não aguento mais, Charlotte. Chega. Vou embora, e agora.”

Abri a porta. Minha olhada para trás encontrou ela, de frente, séria, firme, os frios olhos azuis inexpressivos norte-polarizando o quarto de luz pálida. Deus sabe como preferia que ela não fosse daquele jeito. Se meu coração não pesasse tanto, eu provavelmente conseguiria voar.

“Isso é um adeus?”

“Não. Isso sou eu não querendo te deixar.”

“Sei que você sofre com a situação atual. Mas a agonia será minha se não continuar aqui, na minha terra, com meu legado. Este é meu destino. Se for pra morrer, que aqui seja.”

“Não consigo, meu amor. Não quero te deixar.”

“Feche esta porta, então, querido. Durma comigo esta noite. Amanhã você toma a estrada para Nova Iorque, e me liga para aquele telefone em Monterey.”

Obedeci sem pensar muito. Nos braços dela, a promessa.

“Não se preocupe comigo, querido. Juro que viverei para revê-lo depois do disco.”

Nosso beijo foi interrompido por estouros na estrada.

“OuvIU isso? Tiros!” E mais disparos soaram próximos de nós. “Rápido, Walter, no chão!”

E do carpete vi Charlotte se proteger na parede do lado da janela. Espiava com cuidado, mas sabia que seu revólver não alcançaria os atiradores na estrada.

“Apague as luzes. Vamos emboscá-los quando chegarem perto daqui.”

Serpentei pelo chão até a entrada. A troca de tiros era intensa do lado de fora. Próximo à porta, abri minha valise e, de cima do saxofone, minha pistola.

Engatilhei e aponte para as costas de Charlotte. Puxei o gatilho três vezes. Seu corpo sacodi para cair sem jeito no chão.

Ouvi mais tiros, e então silêncio. Apaguei e acendi a luz três vezes. Um assovio veio da rua. Fui até a porta, mãos para cima, cano para baixo, a arma descansando no polegar.

Encontrei dois homens com *Thompsons* e coletes. Um fez sinal para o outro entrar.

“Bom trabalho, Walter. O *capo* irá ficar muito satisfeito. Quando precisar da *famiglia*...”

“Claro. Agora se me permitem, *signori*, tenho uma viagem a fazer.”

Se despediram de mim com um *arrivederci* sem aceno. Prefiri não pegar as chaves do *Plymouth* de Charlotte entre as valises. Não conseguiria dirigir. Prefiri não entrar naquele quarto. Não conseguiria abrir os olhos. Prefiri atirar em suas costas para não ver sua expressão de dor. Não conseguiria jamais dormir em paz.

Diabo, mulher, eu preferia que você não tivesse que me forçar a isso. Mal-dita. Poderíamos ter fugido juntos. No fim, fui o seu carrasco do delito mais imperdoável – roubar meu coração e traí-lo com seu mundo de crime.

Tomei o primeiro inter-estadual rumo ao leste da madrugada. Lamentei não ter roubado uma seringa antes de abandonar o motel. Talvez assim o motorista do *Greyhound* não notasse, nem se perguntasse por quê aquele negro com um case na mão tinha o *blues* nos olhos.

Releitura de Western Motel (1957), por Edward Hopper

07

Em Seções Bem Diferentes



“...e quando ela estiver assim, por cima, as mãos apoiadas na cama, é que vou começar. *Tá gostando, é? Gosta do jeito que eu entro em você, hein? Isso, geme, geme gostoso, sem-vergonha. Teu marido não te fode assim, não?* E quando ela estiver gozando, largo a cintura e vou direto pro pescoço. Vai se arregalar toda, a piranha. Quando estiver faltando ar, vou encher ela de porra. Vai achar que é mania, que estou empolgado, que logo vou soltar. E aí eu sussurro, *seu marido também acha que quem trai merece morrer?*”

“Não tem como ela alcançar um abajur, um cinzeiro, e te bater?”

“Nunca fizeram isso. Sempre tentam afrouxar, se desesperam. Perdem noção do espaço. Com ou sem gelo, Tom?”

“Sem, por favor. Faz mal pra minha voz.”

“Disse a chaminé em pessoa. Uma carteira de *Dunhill* por expediente.”

“Sinatra fumava *Camel* sem filtro todo dia desde quando tinha pelo no peito. Nunca ouvi ninguém reclamando da voz dele. Deu de bebida. Obrigado. Um brinde.”

“Tin-tin. Isso é sinal de estresse.”

“Desculpe, chefe, mas você me paga pra tocar de Hancock a Jobin no restaurante mais caro da cidade por cinco horas. Como eu faço isso não importa.”

“*Como* não, mas *onde*, sim. O cozinheiro já cansou de reclamar.”

“Nos fundos do terraço, às nove em ponto, às onze e meia e depois, às dez pras duas. E o filho duma puta vem me alugar um cigarro toda vez.”

“Desgraçado.”

“Aliás, se importa se eu fumar aqui dentro, chefe?”

“Sim. Amanhã vão reclamar do cheiro. O cliente sempre tem razão. Não quero que isso se aplique na hora de te demitir.”

“Você não vai. Quais as chances de perder de vista seu único confidente?”

“Se você for demitido, *o mundo todo* vai te perder de vista.”

###

“Se te consola, Tom, eu jamais te mataria. Mandaria alguém no meu lugar.”

“Que bonito, chefe. Isso tudo é amizade ou somente dó de um pianista vagabundo?”

“O expediente já passou. Pode me chamar pelo nome.”

“Por que você não acabaria comigo com as próprias mãos, Edgar?”

“Você já me viu matando homem?”

“Ver, nunca vi nada. Só ouço alguém falar por aí. Que você mata homem, mulher, bicha.

“Vamos com calma. Pra cama, só levo mulher.”

“Tanto faz. Matar é o que importa. E se bobear você leva até a mãe, se souber que a pessoa é infiel.”

“Só não levei minha mãe porque meu pai foi mais rápido. E ele foi o próximo, logo depois de casar outra vez. Aquela puta. Tinha filho com a desgraçada. Ninguém na minha família sabia.”

“E desde então, traição pra você é sinônimo de caixão.”

“E ninguém nunca soube. Nem com aquela sua música. Alias, como era mesmo?”

“Qual delas?”

“A única que não falava diretamente de corações partidos.”

“Não toco ela faz um tempo. Vou ao piano ver se me lembro.”

“Entre os pinhos do cruzamento / da principal com a dezesseis / há uma mão mal-enterrada / sem um corpo a pertencer / a aliança dourada / num adeus para seu par / sou impura, diz a carta / redenção, só além-mar”

“Bravo, bravo. Mas eu preferia aquela rima original no fim.”

“Aquele verbo no infinitivo colocaria nós dois nos jornais. E em seções bem diferentes.”

###

“Sabe, Edgar, tem uma coisa sobre seus *hábitos* que nunca consegui entender.”

“O que? Como um homem consegue beber tanto desse jeito e ficar sóbrio?”

“Não. Se você só mata quem trai, por que nunca se matou também?”

“Como? Isso não faz sentido.”

“Como dizem, é preciso dois para dançar o tango. Ninguém comete adultério sozinho.”

“Tom, sou um homem bem vivido e até hoje nunca tive esposa por um bom motivo. Não se pode ser fiel à outra pessoa e a si mesmo ao mesmo tempo. Para trair, primeiro é preciso prometer a alguém. E eu nunca me deixei na mão. Elas, bem, aí é outra história.”

“Nunca se deixou na mão?”

“Você já me viu de mau humor, jovem? É porque desde cedo eu já sabia o que era certo na vida. Vim pra esse mundo para fazer justiça. E é na hora em que aquele pescoço estremecer, que a morte vier por minhas mãos é que o meu gozo fará sentido de verdade. É através de mim que o sagrado varre o mundo. Eu vim para testar a fidelidade das impuras - e livrar seus amantes iludidos do sofrimento!”

“Bom, conheci uns tantos, de solteiros a viúvos. Nenhum jamais esteve livre da dor. Não vejo sua *intervenção divina* evitando o sofrimento de ninguém.”

“É mesmo? Pois suas músicas tristes também não mudam o mundo.”

“Não as componho para fazer a Terra girar ao contrário, mas para transcender a dor.”

“Então você se sente deus ao dar vida às suas emoções?”

“Não. Faço música para me sentir humano, e lembrar que todos nós sabemos o que é sofrer. Ou de onde você acha que vem o termo *linguagem universal*?”

“Você não vê, Tom, mas bem no fundo, somos iguais. Você com a música, eu com minha missão. Deus e o Diabo tecendo com as linhas da vida.”

“Deus e o Diabo. Mereço mesmo. Olha, se quiser continuar com essa conversa, vá em frente. Só não me peça para tecer um Vivaldi a essas horas. Não me dou com arranjos alegres.”

“Não, melhor pedir a saideira. Preciso estar inteiro para encontrá-la amanhã.”

“Posso acender um cigarro?”

“Não começa.”

“Bem, tentar nunca matou ninguém.”

###

“...e esconder o corpo vai ser fácil. Depois é só mandar a carta falsa nos correios, como você já cansou de ouvir. Aliás, acha que a confissão soará melhor encerrando com um *mil desculpas* ou um *espero que me perdoe*?”

“O segundo soa mais honesto. Digo, pra alguém que está indo para nunca mais voltar.”

“Tem razão.”

“Bom, menos uma no mundo.”

“Falando nisso, como anda aquela garota?”

“Garota? Que garota?”

“A que você vinha saindo por uns tempos. Tinha recém terminado um namoro, ou estava para terminar. Julia, Julie, algo assim.”

“Ah, Julie.”

“Você não fala dela faz tempo. E então, o que houve entre vocês dois?”

“Bem, eu, uh...”

“Da última vez, lembro ter ouvido que ela estava solteira. Estava, não estava? Ou ela não chegou a...?”

“Olha Edgar, melhor deixar essa história pra lá.”

08

Food Porn



Quando cheguei, quase todas as diversões da sala já estavam ocupadas. Darlene não desgrudava as mãos do videogame, Tânia pintava as garras com esmalte vermelho e Cintia vasculhava os ternos na arara do canto da sala.

“Chegou cedo, hein, anjinho?”

“Tânia, meninas, vocês nem imaginam. O trânsito tá um inferno. E dois caras ficaram me assediando no ponto de ônibus. Dá pra acreditar?”

“Como assim, assediando, Erica?”

“Dois caipiras, imbecis, não paravam de olhar pra mim.”

“Não é por menos, amor. Você está um arraso com essa gargantilha preta.”

“Ah, gostou?”

“Parece a mulher daquele jogo de ontem,” intrometeu-se Darlene. “*Bayonetta*.”

“Aquela puta gorda? Mais respeito, hein?”

“Mas você tá em forma, amor. Finíssima!”

“Menos, Darlene. Menos. Cadê o *bong*?”

“O Helder sumiu com ele.”

“Não sumi não.”

Helder apareceu, em calça de couro e suspensório sobre o peito nu. Era careca, forte e trazia um coração com faca encravada tatuado sob a mão.

“Onde está o *bong*?”

“Na cozinha. Acabou a erva.”

“Sério? Mas eu preciso trabalhar agora!”

“Toma,” e jogou um pacotinho em minha direção. “Vai mascando esse chicletinho. Você começa a transmitir em meia hora.”

###

Chiclete de bolha verde e gosto de menta. Doce, mas não abre o apetite igual a erva de verdade. No quarto escuro, a iluminação da tela do computador bastava. O ponto vermelho da *webcam* era o sinal: ao vivo. Som de caixa registradora. Toda vez que tocava, alguém botara dinheiro na minha conta. Claro que meu sorriso era de verdade. Meu sotaque inglês, nem tanto.

“Obrigada, obrigadinha! Hora da recompensa.”

Abaixei, devagar, o sutiã, só para provocar. Dividi o chiclete em dois. Es-

palhei a massinha verde sobre os bicos dos meus pequenos seios. Hora de sorrir para a câmera. É agora que começam os *printscreens*. Se é pra rodar o mundo, que seja com um sorriso.

Maravilhosa, linda, teclam. *Vontade de arrancar isso das suas tetas no dente*, se empolga um agressivozinho. Gosto desses caras, brutos de internet. Gozam rápido. É só eu sussurrar um ou outro palavrão, com a mão entre as pernas, e lá vão eles atrás de lenço. *Quando* vão.

“Eu adoraria que alguém me botasse a boca aqui,” e esfreguei os dedos no chiclete. “Seria tão gostoso. Hmm.”

Som de caixa outra vez. Duzentos e cinquenta moedas depositadas de uma vez só. O nome do usuário piscava em vermelho. Uma moeda virtual vale cinco dólares bem reais.

“Desculpe, queridinhos. Hora de um momentinho particular.”

###

“Você tem meia hora. Melhor aproveitar.”

“Posso ligar a *cam*?”

Fiz que sim. Do outro lado, quase um espelho: era jovem, magra, os cabelos castanhos escovados. Também com maquiagem nos olhos. O decote dela, no entanto, era muito mais preenchido do que o meu. Talvez por isso nossos destinos fossem tão diferentes.

“Meu nome é Viviane. Sou modelo. Qual é o seu nome?”

“Pode me chamar de Erica.”

“Erica. Vi que você faz pornografia com, er, comida.”

“É a sua primeira vez, não? Pode falar. Faça tudo que você quiser.”

“*Tudo*?”

“Vinte e sete minutos totalmente sua. E contando.”

“Quero ver você comendo um bolo de chocolate. Se lambuzando toda.”

Pedi um momento para ir até o escuro do quarto. A geladeira estava abastecida. Na primeira prateleira, pousava uma fatia vigorosa de bolo, negra, a cauda reluzindo, dois brigadeiros volumosos no topo. Levei o pedaço de mau caminho para a frente da webcam.

“Morde devagarinho, isso,” comandava a garota.

A primeira mordida foi na base do bolo. O recheio de doce de leite era generosa, mais doce que a massa. Havia êxtase nos olhos de Viviane. Esfreguei a ponta dos dedos pela calda. Lambi devagarinho, deixando escapar um fio de chocolate pela boca.

“Ahh,” a modelo salivava, “não desperdiça. Vontade de lamber sua boca só pelo doce.”

“Espera só pra ver isso,” e puxei o brigadeiro do topo.

Arrastei os dentes pelo granulado. Outro fio de chocolate pela boca.

“Hmm, que delícia.”

“Vai, come, come tudo.”

Em vagarosas bocadas, sujei-me toda de açúcar e chocolate. Todo aquele doce era inebriante. No final, lambendo os dedos, perguntei:

“Gostou?”

“Nunca pensei que iria gostar de ver algo assim. Não como doces desde que pôs o pé na passarela.”

###

Duas horas depois e tudo o que eu fiz foi provocar. Quando se vive de *webcam*, dá de saber quando você vai faturar. Os visitantes que não querem pagar se contentam com pouco, por isso é importante não mostrar muito. Mexer com eles os mantém ali. E é assim que você fiska o tubarão: quando ele vê que um cardume está muito concentrado, é porque coisa boa ali, tem.

Provavelmente era isso que se passava na cabeça de *xx_valdis01*, que me pagou setecentas e cinquenta moedas para ficar uma hora me vendo dançar. Da *webcam* dele eu só via uma mão peluda e a cabeça de um pau, numa qualidade de imagem tão ruim que não gostaria de saber se aquilo na glânde era sujeira da câmera ou HPV. Preferi não olhar muito.

“Pega uma fatia de pizza de calabresa. Cobre a xota com ela.”

Obedeci. Depois me mandou pressionar a comida contra minha buceta. Me dedar com a massa por cima. Sentia a mão e as pernas engordurando. Contraí os olhos, passei a arfar. Fingi o orgasmo mais gordo possível.

“Tá se molhando, puta? Posso te chamar de puta, não posso?”

Fiz que sim, mentindo meu êxtase.

“Quando a pizza estiver toda lambuzada de você, quero te ver comer, putinha.”

Passei muito tempo tentando reviver com aquele pedaço de trigo, queijo e porco o sexo em borracha com meus ex-namorados. Aquela gordura era mil vezes pior. Com eles não levava quinze minutos pra jorrar pelas pernas.

Dei a primeira bocada naquela pizza desfigurada. Cheiro e gosto de suor. Saliva e secreção vaginal deixando a calabresa menos salgada que o habitual.

Quando enfiava metade do pedaço na boca, ouço uma vibração. Meu celular na mesa. Num susto, desligo a tela com o dedão do pé.

“Aconteceu alguma coisa?”

“Não,” disse de boca cheia, “nada não.”

“Ótimo. Abra a boca. Quero ver como ela fica mastigadinha.”

###

No chão do banheiro, formigas faziam uma trilha pelos cantos do piso. Precisei de um intervalo de meia hora embaixo do chuveiro pra me limpar de toda aquela gordura. O próximo cliente poderia pedir a mesma coisa, mas ninguém gosta de ser o segundo. A sensação de novidade é o ápice do prazer. Por isso, algumas coisas, só em privado.

De volta à ativa, fazia bolhas com chiclete quando um usuário, logado desde o começo da sessão, deposita mil e quinhentas moedas. *Pookie* é seu apelido virtual. Não quer ligar a *webcam*.

Como vai você, tecla.

“Bem,” respondo. “É difícil reclamar de um trabalho no qual você é paga pra comer.”

E você comeu bastante hoje?

“Bolo de chocolate, pizza, tem alguns salgadinhos esperando também. E refrigerante.”

Você é muito bonita. As mulheres devem ter inveja do seu corpo. E do seu trabalho também.

“Nem todas. Há trabalhos melhores. Você tem duas horas comigo. Como iremos nos divertir?”

Não precisa de tudo isso não. Quero que você pegue uma garrafa de refrigerante e beba tudo de uma virada só. Pode ir pausando, mas tem que beber.

Engoli em seco.

“Cola, soda ou guaraná?”

O que você preferir, benzinho, teclou.

Escolhi cola. Com as duas mãos, segurei a garrafa e emborquei, devagar. O gás descia pela garganta arranhando, dilatando. Segurei uma vez. Voltei a beber. Faltava muito pela frente. A cabeça começava a ficar leve. O nariz irritava.

Engasguei. Um jorro de refrigerante cobre meu corpo. Começo a tossir.

O que houve, benzinho?

Não consigo responder. Vomito uma massa preta e disforme sobre mim.

Como você está gostosa agora, hein, e liga a webcam. Vejo um membro grosso bem próximo à câmera. Bebe tudo.

Tento beber outra vez. Cubro meu corpo com um pântano negro de pedaços de comida.

Que desperdício, moça. Uma moça bonita como você deve saber que é feio jogar comida fora. Agora quero você se lambendo, se masturbando pra tudo isso.

Reluto, mas começo a passar a língua por tudo onde alcanço em mim. Enfio o dedo sujo no meio das minhas pernas. Começo a forçar um gemido. Não consigo fingir alegria alguma. Tudo o que sinto é o gosto ácido no meu

estômago. Mas *Pookie* nem se importa. Não demora muito para gozar e sair, sem dizer palavra.

“Erica,” Tânia abre a porta, “o que aconteceu? Ouvi você — meu Deus, o que houve?”

“Não se preocupe, querida,” solucei. “Eu ia botar fora de qualquer jeito.

###

Embarco no ônibus com o fone de ouvido e a cabeça longe da paranóia de ainda ter algum resto de comida entre os cabelos.

O celular toca.

“Alô, mãe?”

“Marina, minha filha! Por quê não me atendeu antes?”

“Desculpa, mãe. Estava em prova.”

“Tudo bem, querida. Está gostando do curso?”

“Estou. Psicologia é tudo o que sempre quis na vida.”

“Que bom, amor. Estou com saudades. Tem se alimentado direitinho?”

“Fome é tudo que eu não passo, mãe.”

“Ah, que bom, querida. Fico tão orgulhosa de ver você se virando longe daqui.”

“Pode apostar, mãe. Nunca estive tão feliz.”

09

Meu Troco é Pouco



Quando finalmente terminei, apenas o som do vinil na vitrola permeava a sala. A maldita agulha, que nunca funcionava em meus discos, rodou perfeita aquele LP. Era de um tal Tom Waits. *Small Change*. “Meu troco é pouco”, algo assim.

Não era meu. Não gostava de admitir, mas também não era ruim.

Tomei um copo com pouco uísque e muitas marcas de batom da sala. Na sacada, ouvia o grave rouco do cantor. Faço o possível para entender a letra em inglês. Dizia:

O piano andou bebendo. Minha gravata está dormindo. E o combo voltou para Nova Iorque. O jukebox precisa tirar uma água do joelho, o carpete precisa aparar o cabelo, e as luminárias parecem as de uma fuga na prisão. Pois o telefone está sem cigarros e o balcão está querendo alguém para transar. E o piano andou bebendo.

O piano andou bebendo. Aquilo fazia muito mais sentido ao ver o fundo do copo.

Veja só, o cartão-ponto se empolgou com a saída do chefe. O volante xingou o ciclista que tomava o vácuo na estrada. O semáforo assoviou, fiu-fiu, para a loura na faixa de pedestres. O carro brigou com o imbecil do vizinho que ocupava a vaga errada na garagem do condomínio. O elevador bufou que o dia estava um inferno. O espelho dele refletiu que a velha do quarto andar bem que poderia não querer visitar o chato do 805 e falar do clima no meio do caminho.

O corredor do sétimo piso suspirou aliviado. Mas a fechadura do 702 estranhou estar aberta.

A cozinha não gostou da companhia daquele par de mocassins. A mesa na sala não lembrava de qualquer ocasião especial a ser comemorada com uísque. A vitrola rodava com curiosidade aquele disco fora do acervo. *Small Change*. “O troco é pouco”, algo assim. O sofá estava surpreso com um vestido em seus braços. A porta do quarto ouvia ruídos de dentro de si, enquanto o sutiã se dependurava no trinco que abria.

A cama sustentava movimentos constrangedores.

Espantado, o lençol implorou, aos gritos, que poderia explicar. O abajur se meteu na frente, pedindo calma. A pistola saiu do armário e disse que haveria sangue por ali. O rádio-relógio tentou impedir algo pior. A parede fez dele em pedaços e disse nunca ter visto pontaria tão ruim. A janela, por sua vez, discor- dava ao se estilhaçar, levando um corpo ao chão.

Um travesseiro correu até a sala, pedindo socorro. O porta-chapéu trope- çou no meio do caminho, aos prantos. A aliança no anelar esquerdo implorava por sua vida. O chão, espumando de ódio, bateu a cabeça dela em si mesmo até a morte.

Na gaveta, o maço de cigarros precisava se acalmar. Na sacada, o isqueiro acendeu a sensação do eu-bem-que-desconfiava. A fumaça ia aos céus da noite se perguntando o que fazer quando a polícia chegasse. A capa do LP, assistindo tudo de fora, tinha um Tom Waits que concordava com seu letreiro.

Small Change. “O troco foi pouco”, ou algo assim.

10

Desastres da Noite



Desastres da Noite
por
Gabriel D. Lourenço

TÍTULO/CRÉDITOS:

CENA 01 - INT. CASA DO FOTÓGRAFO - COMEÇO DA MANHÃ

Em off, chiados de rádio-amador sintonizando frequência da polícia. Um varal numa sala vermelha mostra uma sequência de fotos indistinguíveis, ainda secando. Numa mudança de foco, percebemos diversos instrumentos de revelação de fotografias, assim como rolos de filme e um vulto entrando e saindo do ambiente. As cenas no interior da casa sempre darão destaque às imagens, nunca mostrando o rosto do personagem e deixando suas movimentações em segundo plano.

Os créditos vão sendo exibidos ao longo da cena. No rádio, ouvimos a DETETIVE BECKER (35) em contato com a central da polícia da cidade.

DETETIVE BECKER

... ocorrência às três e meia da manhã de hoje. Rodovia intermunicipal de São Diamantino, quilômetro zero-vinte e três. Uma picape prata, ano dois mil e quinze, iniciais delta, épsilon, gama, er... dezesseis, sessenta. É, acho que é isso. Cheque registros.

AGENTE DA CENTRAL

Checando por registros de placas, detetive. Algum sinal dos patrulheiros?

DETETIVE BECKER

Nada de Samuel, nem Leonardo. Animais. Esqueceram as sirenes ligadas.

AGENTE DA CENTRAL

Alguma outra solicitação, detetive Becker?

Em zoom-in, começamos a se aproximar de uma das fotos, que vai ganhando nitidez. Na fotografia, a cena descrita pela detetive, porém em plena madrugada.

DETETIVE BECKER

Envie uma solicitação ao setor rodoviário por qualquer atividade suspeita nos arredores nas câmeras de trânsito. Pessoas, veículos parados, o que for. E acione a equipe de busca. Talvez precisemos dos cães nesta manhã.

Enquadramento está totalmente na cena registrada. Ouvimos,

baixinho, um som gutural que vai aumentando, até encerrar em --

ESCURIDÃO TOTAL

FADE IN:

CENA 02 - EXT. RODOVIA VAZIA - MADRUGADA

Imagem da cena anterior ganha movimento. Ouvimos sons de cliques de câmera com lente de longo alcance. Flashes esporádicos e a luz das sirenes iluminam a cena, enquanto os postes estão apagados.

SUPERIMPOSIÇÃO: SÃO DIAMANTINO - KM 23 - 03h45PM

Abaixando a câmera está o FOTÓGRAFO (29). Cabelos ruivos varrendo o ombro, camisa social desajeitada. Possui duas máquinas fotográficas, uma em mãos e outra à tiracolo, para fotos próximas. Tem olheiras fortíssimas e ar sujo.

O Fotógrafo CAMINHA DEVAGAR até a cena. Ao aproximar-se da viatura, ouve chamado no rádio policial. Não encontra agentes ao redor. Hesita em atender, e então ignora o rádio. Chamada, na verdade, é o começo da conversa entre a polícia sobre a ocorrência após o desaparecimento dos policiais.

AGENTE DA CENTRAL

Central para B-vinte, central, para B-vinte, câmbio.

Enquanto o Fotógrafo observa os arredores, ouvimos a Detetive Becker, em off, atender:

DETETIVE BECKER

Detetive Becker para central, câmbio. Chegamos na cena informada, quilômetro trinta e seis. Cinco horas em ponto. Nenhum sinal do informante ou dos agentes.

AGENTE DA CENTRAL

Qual é a condição, detetive?

O Fotógrafo prepara a câmera de lente menor enquanto se aproxima da picape retorcida. Começa a clicar as fotos enquanto, em off, a detetive descreve:

DETETIVE BECKER

Temos uma picape prata, sem sinal dos ocupantes, no meio da estrada.

O fluxo de trânsito segue pelo desvio orientado pelos agentes. O veículo está amassado à partir do centro. Incrições na placa estão de difícil leitura.

O Fotógrafo tenta pegar os ângulos da placa, mas não consegue lê-la também.

AGENTE DA CENTRAL
Como assim, detetive?

DETETIVE BECKER
Está esmagado por cima. É como se um filhote de elefante fizesse o carro de sofá e brincasse de pular.

O Fotógrafo repara nas mesmas coisas. Pelo banco do carona, tem um ângulo no qual observa diversas coisas caídas do porta-luvas. Dentre elas, um maço de cigarros amassado. Puxa um enquanto tateia o bolso pelo isqueiro.

AGENTE DA CENTRAL
(RISOS) Essa é boa, Becker. Algum outro palpite mais pé-no-chão?

O Fotógrafo acende e dá uma longa tragada, tentando estudar a cena.

DETETIVE BECKER
Enquanto a perícia não chega, fico com essa. Alguma aposta?

Com as duas câmeras à tiracolo, o Fotógrafo começa a enquadrar, entre os dedos, um ângulo do carro amassado com a viatura no fundo.

AGENTE DA CENTRAL
Aposto vinte que foi um lutador de sumô foi catapultado sobre o veículo.

DETETIVE BECKER
Esses vinte são meus, já. Não há nenhum sinal dos ocupantes por aqui.

Ouvimos, então, o mesmo som gutural aumentando do início, dessa vez vindo da cena. O Fotógrafo arregala os olhos e volta-se para os lados. Vê uma trilha que leva a uma floresta.

AGENTE DA CENTRAL

Vamos ver, detetive. Vamos ver.

O Fotógrafo ajeita a câmera menor e enquadra a cena dos carros. Quando clica, temos um flash.

CONGELA IMAGEM

ZOOM OUT:

CENA 03 - INT. CASA DO FOTÓGRAFO - COMEÇO DA MANHÃ

Imagem clicada já está revelada numa mesa com diversas outras fotografias espalhadas. Num canto temos a carteira de cigarros, já vazia, e um cinzeiro quase cheio. O Fotógrafo chega, puxa um dos cigarros. Enquanto acende, ouvimos, em off, a continuação da conversa dos policiais no rádio.

AGENTE DA CENTRAL

Central para B-vinte, câmbio.
Detetive Becker, central para B-vinte.

DETETIVE BECKER

Detetive Becker na escuta, câmbio.

AGENTE DA CENTRAL

Enviamos a equipe de busca. Imagens das câmeras na rodovia também mostram um veículo estacionado pouco depois da barreira policial.

DETETIVE BECKER

Mais detalhes, prossiga.

O Fotógrafo vasculha as fotos, separando umas de outras do monte.

AGENTE DA CENTRAL

Um Mercedes vinho encostou no acostamento próximo à barreira policial dos agentes Samuel e Leonardo. Não consigo identificar o sujeito. A placa é Charlie, Hoplon, Zeta, dígitos vinte, vinte-e-oito.

DETETIVE BECKER

Proprietário do veículo?

AGENTE DA CENTRAL

Institucional. Registrado no nome do jornal Diamantino Star.

DETETIVE BECKER

Um abutre. Desses que caçam
desastres de noite.

AGENTE DA CENTRAL

Provavelmente saiu de lá com as
mãos abanando.

O Fotógrafo dá uma tragada e deixa o cigarro no cinzeiro.
Sai de cena levando algumas fotografias. Só vemos a mesa
com as fotos e o cigarro queimando sozinho.

DETETIVE BECKER

Pode ter algo que nos seja útil. O
que você tem dele nas câmeras?

AGENTE DA CENTRAL

Vejamos. Estacionou o carro no
acostamento da esquina entre a
Rodovia do Acesso Norte e a Rua
Tenente Terceiro. Chegou dez
minutos depois da abertura do
chamado, às três horas e quarenta e
cinco minutos. Retornou para o
carro às cinco e vinte e foi em
direção a cidade.

DETETIVE BECKER

Ligue para o plantonista no
Diamantino Star. E o resto das
câmeras, o que tem?

AGENTE DA CENTRAL

À partir das três da manhã, as
câmeras do percurso tinham
interferência. Não temos imagens de
lá até agora.

DETETIVE BECKER

Estranho. Todas elas parecem
intactas daqui. Nenhum corte nos
fios também.

O cigarro está quase terminando de queimar. O Fotógrafo
retorna, dá uma tragada final e o esmaga no cinzeiro.
Coloca duas fotos na mesa e as observa.

AGENTE DA CENTRAL

Detetive, temos o nome do
proprietário do veículo.

DETETIVE BECKER

Prossiga.

AGENTE DA CENTRAL

É de Rogério Hammes. 34 anos, de Riviera do Leste. Engenheiro químico. Casado com Linda Hammes, 30 anos, enfermeira.

DETETIVE BECKER

Definitivamente não é o tipo de casal que deixaria um bebe elefante brincar de cama elástica no seu carro.

O Fotógrafo deixa as duas fotos na mesa e sai de cena. Vai em direção à sala escura. Ouvimos um barulho de susto vindo de lá e, depois, o vulto do Fotógrafo correndo até o banheiro da casa.

A câmera se aproxima lentamente de uma das duas fotos, que é a imagem de uma lanterna na escuridão.

CONGELA IMAGEM

DESCONGELA IMAGEM

CENA 04 - EXT. FLORESTA AO REDOR DA RODOVIA - MADRUGADA

O fotógrafo tira a câmera do rosto e observa os arredores. Não enxerga muita coisa. Junta a lanterna e procura ao redor por movimentos. A terra ao redor tem marcas de unha, mas o personagem não percebe.

Atmosfera ao redor é de crescente tensão. Conversa entre Detetive Becker e Agente da Central continua em off enquanto o fotógrafo avança incerto pelo caminho.

DETETIVE BECKER

G-vinte para Central. Ao que parece, o veículo estava em reparos pelos dois. Encontramos ferramentas nas redondezas do veículo.

AGENTE DA CENTRAL

Isso levanta alguma hipótese?

DETETIVE BECKER

Descarta a ideia de acidente de estrada. Mas nenhum dos dois no veículo?

AGENTE DA CENTRAL

Podem ter ido buscar ajuda.

DETETIVE BECKER
Ajuda? Onde, na floresta?

Off é interrompido por um grito aterrador na cena, distante na floresta. Fotógrafo se assusta e começa a ofegar. Avança na direção do grito.

AGENTE DA CENTRAL
Deixa pra lá.

DETETIVE BECKER
Um carro desses não fica sozinho numa rodovia à noite. Se alguém fosse pedir ajuda, no mínimo outro cuidaria.

AGENTE DA CENTRAL
O chamado dizia suspeita de assalto. Existe algum outro motivo para deixar o carro perdido no nada?

DETETIVE BECKER
Se fosse emergência, chamariam uma ambulância. Mas chamaram nós.

AGENTE DA CENTRAL
Chamaram eles. Nós somos os reforços.

Fotógrafo se depara com o corpo do policial LEONARDO (40) no chão, de bruços, com uma pistola ao lado do corpo. Há marcas do conflito entre as árvores: buracos de bala nos cascos, o chão, pisoteado e uma poça de sangue na cabeça.

Aponta a câmera enquanto segura a lanterna ao lado. Clica algumas vezes, mudando o enquadramento. Então, abaixa a máquina e se aproxima, virando o corpo com o pé.

O cadáver possui sangue e terra por toda a face. As cavidades dos olhos estão vazias e o maxilar está deslocado. Assustado, o fotógrafo hesita na hora de fotografar. Quando clica, ouve outro grito gutural, dessa vez alto e breve. Aponta a câmera para cima no susto.

No susto, deixa a lanterna cair. Escuridão total. Ouve-se som nos galhos. O fotógrafo se abaixa para juntar o objeto e redireciona o feixe de luz para cima. Estamos enxergando à partir da lente da câmera, que olha ao redor e, após rodear paranoicamente, não encontra nada. Ouvimos a respiração do personagem outra vez enquanto ele enquadra o rosto do policial morto. Ao clicar, no lugar do flash temos outro som de grito.

CONGELA IMAGEM

ZOOM OUT:

CENA 05 - INT. CASA DO FOTÓGRAFO - COMEÇO DA MANHÃ

A imagem que se distancia e, recém-revelada, está sob o balcão do banheiro, juntamente com algumas outras da cena anterior. De relance, vemos os pés de alguém no fundo da imagem, atrás da cabeça de Leonardo. O fotógrafo está debruçado no vaso. Não o enxergamos exatamente, mas conseguimos ouvi-lo vomitando. Em off, continuamos a ouvir a chamada.

DETETIVE BECKER

G-vinte para central, G-vinte para central, câmbio.

AGENTE DA CENTRAL

Central na escuta, câmbio.

DETETIVE BECKER

Encontramos traços de sangue e conflito à duzentos metros da cena. Nenhum sinal de vítimas.

AGENTE DA CENTRAL

Qual o procedimento?

DETETIVE BECKER

Aguardamos equipe de busca. Há marcas de tiro, mas não há armas no local. Precisamos de um exame de balística da perícia. Suspendemos a busca até a equipe chegar. Precisaremos de cautela.

AGENTE DA CENTRAL

Entendido. A unidade de busca já deve estar próxima.

DETETIVE BECKER

Primeiro, um carro sem passageiros. Agora, um conflito sem vítimas. Que manhã do diabo.

AGENTE DA CENTRAL

Calma, Becker. Quando a equipe achar o bebê elefante, eu poderei te pagar uma bebida no fim do expediente.

DETETIVE BECKER

Está me cantando em plena chamada de rádio, agente?

AGENTE DA CENTRAL

Claro que não, Detetive. Reunião extra-oficial para discutirmos, uh, notas sobre o caso.

DETETIVE BECKER

Você pode procurar notas sobre aquele fotógrafo do Diamantino Star. O que aconteceu com ele?

Nesse momento, o Fotógrafo dá a descarga no vaso sanitário e lava o rosto na pia. Enxuga-se e junta as fotos, voltando para a sala. A câmera o acompanha fixa nas fotografias em suas mãos, que ele larga sobre a mesa cheia de fotos e com os cigarros.

AGENTE DA CENTRAL

Vou verificar o trajeto do veículo dele nas câmeras de trânsito.

Puxa um cigarro outra vez, acende e sai para a sala vermelha.

DETETIVE BECKER

Um minuto. (ruídos) Sim? Entendido. Dispensado. (ruídos) Central, o veículo da equipe de busca está se aproximando. Transmitirei o briefing a eles. Câmbio, desligo.

Silêncio por meio minuto. O fotógrafo volta para a mesa com novas fotos. Separa uma ou duas imagens e dá uma baforada. Leva a mão à cintura, nota algo e reclama, levando as fotos.

DETETIVE BECKER

G-vinte para Central, câmbio.

AGENTE DA CENTRAL

Central na escuta, câmbio.

Câmera começa a se aproximar da mesa de fotografias. Vemos sangue na madeira e também em algumas das fotos.

DETETIVE BECKER

Instruí a equipe de busca. Entraremos agora, e armados. Envie um chamado ao corpo de bombeiros para solicitar assistência médica

ao nosso sinal.

AGENTE DA CENTRAL
Entendido.

DETETIVE BECKER
Estamos entrando. Câmbio, desligo.

A câmera termina enquadrando a foto de uma chave de roda no meio do mato, marcada de sangue.

DESCONGELA IMAGEM

CENA 06 - EXT. FLORESTA AO REDOR DA RODOVIA - MADRUGADA

O Fotógrafo enquadra rapidamente uma imagem de chave de roda, com sangue nas pontas. Apressado, continua avançando, aparentemente perdido na floresta. Procura entre as árvores.

Em um determinado ponto, ouvimos alguma coisa. Desliga a lanterna e se debruça contra uma árvore. Tranca a respiração e procura escutar melhor. Ouvimos o barulho de movimento na frente. O Fotógrafo vira o rosto para a escuridão e não vê nada.

Ao voltar para trás da árvore, ouve um grito vindo da direção de onde olhava. Hesita em apontar a lanterna. Ao invés disso, aponta a câmera de longa distância para a fonte do som e dispara o flash antes de fotografar.

A luz mostra o vulto anterior, na verdade sendo LINDA (30). Usa um vestido rasgado sobre o corpo escoriado e sua cabeça está coberta por uma massa roxa, pantanosa. É uma raça alienígena que hospeda-se no corpo da vítima. Enxergamo-a de costas, debruçada sobre SAMUEL (41). Ela debruça o rosto sobre ele.

Assustado, o Fotógrafo retorna ao esconderijo. Mas volta a ouvir barulho. Outra vez lança o flash antes da foto e clica. Registra Linda, que arranca um olho de Samuel. O Fotógrafo se esconde outra vez.

Espera um momento em total silêncio. Não se ouve mais barulho. Aproxima-se até outra árvore, mais próxima da cena, e então aponta a lanterna para a direção de Samuel. Está sozinho e com os buracos dos olhos vazando sangue. Hesitando, o Fotógrafo se aproxima, câmera em punho e lanterna posicionada abaixo, para alguns cliques rápidos. Mexe nele com o pé. O policial solta alguns grunhidos.

SAMUEL

Por favor... não...

O Fotógrafo se abaixa, apagando a luz, e aperta o pulso de Samuel.

SAMUEL

Quente... você não está com eles?

FOTÓGRAFO

...

SAMUEL

Saia. Não sei quem é você, mas eles não são gente. Ela me perseguia enquanto ele... Leonardo, ah, meu Deus.

Ouve-se um grito gutural outra vez. O Fotógrafo procura a lanterna e nota algo se aproximar. Quando liga, depara-se com ROGÉRIO (34), com trajes sociais rasgados e também dominado. Sua cabeça e seus braços estão cobertos da mesma lama roxa de Linda. Da boca saem presas alienígenas e, das mãos, garras. Ele desfere um golpe que acerta o Fotógrafo de raspão e atinge Samuel em cheio. A lanterna cai, e vemos sangue cair diante do vidro do objeto enquanto ele grita. Pouco tempo depois, vemos um flash, e a lanterna a ser juntada pelo Fotógrafo, correndo floresta adentro.

Rogério persegue o Fotógrafo pela floresta. Ele o alcança e dispara numa investida contra a vítima, que cai no chão, ferindo a cabeça. Acerta uma das garras na lateral dele, que sangra e quebra uma das câmeras. Reagindo, alcança a lanterna no chão e golpeia-o com o cabo. O impacto físico não o atinge, porém o forte feixe de luz faz a massa se retrair. O Fotógrafo usa isso para sua vantagem, e corre.

Novamente na perseguição, o Fotógrafo aponta o feixe de luz para trás na tentativa de atrapalhar Rogério. No entanto, a criatura passa a se esconder entre as árvores. Observando a luz da estrada à sua frente, despista Rogério atirando a lanterna para um lado enquanto salta para a rua. O infectado avança até o objeto e o destrói.

Percebendo que foi enganado, tenta avançar para a rua, mas é barrado pelas luzes da estrada. Ruge para o Fotógrafo, que antes de fugir, o enquadra numa última foto e clica.

CONGELA IMAGEM

ZOOM OUT:

CENA 07 - INT. CASA DO FOTÓGRAFO - COMEÇO DA MANHÃ

Câmera se distancia, mostrando o monstro revelado nas fotos no chão do banheiro, juntamente com uma camisa rasgada e outras imagens. Vemos também gaze, esparadrapo e outros utensílios de primeiros socorros pelo piso. Novamente, ouvimos a conversa de rádio. O Fotógrafo termina de aplicar seus próprios curativos e veste uma camisa limpa.

DETETIVE BECKER
Central? Central, câmbio.

AGENTE DA CENTRAL
Na escuta, Detetive, câmbio.

Começamos a ouvir leves interferências na chamada. Nesse momento, o Fotógrafo levanta, estranhando.

DETETIVE BECKER
A equipe de busca encontrou o casal na floresta. Desacordados.

AGENTE DA CENTRAL
Enviaremos o pedido para a central dos bombeiros--

DETETIVE BECKER
Não. Não é necessário. Eles passam bem.

AGENTE DA CENTRAL
Mas eles foram encontrados desacordados numa floresta, Detetive. Faz parte do protocolo.

DETETIVE BECKER
Repito. Não é necessário. Os policiais Samuel e Leonardo estão cuidando deles.

O Fotógrafo apanha as fotos do chão e corre para a sala.

DETETIVE BECKER (CONTINUA)
Encontramos os dois na floresta, cuidando do casal. Disseram ter encontrado os dois pouco tempo depois que chegamos. Pareciam bem, porém sem avarias.

AGENTE DA CENTRAL
Não estou entendendo. O que aconteceu com eles?

DETETIVE BECKER
Também não sei. Mas precisamos

chegar com o fotógrafo o que aconteceu.

Chiados intensificam.

AGENTE DA CENTRAL
Tenho o endereço dele. Rua Setenta e... (chiados não permitem ouvir o endereço)

DETETIVE BECKER
Entendido. (chiados intensos)
Estamos à caminho.

AGENTE DA CENTRAL
Detetive, não é melhor retornar à central antes de (chiados intensos)

DETETIVE BECKER
(apenas chiados como resposta)

O som de chiado permanece no fundo, enquanto o Fotógrafo desesperadamente procura enfiar todas as fotos no bolso. Não consegue, e então passa a procurar uma valise pela casa. Quando finalmente acha, despeja todas as fotos e a câmera dentro dela. Os chiados aumentam quando ele invade a sala escura em busca das imagens faltantes.

Na saída da sala, vemos ele com um celular em mãos, rodopiando enquanto empurra o resto das fotos na maleta e a fecha.

ATENDENTE
Diamantino Star, secretaria, bom dia?

Antes que o Fotógrafo possa responder, os chiados se tornam altos demais. A chamada fica inaudível.

Tudo silencia. Ouvimos uma batida na porta. A tensão nele aumenta enquanto procura uma arma. Do outro lado, ouvimos os gritos.

SAMUEL
Polícia! Abra a porta imediatamente ou vamos atirar!

Tenso ao ouvir a voz do policial que morreu na sua frente, caminha temeroso até a porta.

Ao abrir, dá de cara com a Detetive Becker, em trajes surrados, com os olhos encaixados nos buracos enquanto massa roxa vaza por detrás deles. Samuel, Leonardo e o

resto da equipe, todos de armas na mão, possuem a mesma condição.

A Detetive abaixa o distintivo. Seu rosto começa a deformar, exibindo as presas alienígenas. Ela avança em direção a tela, resultando em--

ESCURIDÃO TOTAL